

EDUCAÇÃO E PENSAMENTO COMPLEXO: LINGUAGEM E POLITIZAÇÃO DO PENSAMENTO

ROLIM, José Roberto Moura ¹ (jr-rolim@bol.com.br)

LIMA, Michelline Viana Campos ² (mincheline@gmail.com)

GOMES, Naftali Fidelis de Lima ³ (naftalifidelisgomes@gmail.com)

BENTO, Valéria Tavares ⁴ (valeriatavaresbt@gmail.com)

RESUMO: O presente trabalho em sua temática ousada e reflexiva propõe em tempos de crise civilizatória uma abertura dialógica e desafiadora, educação e pensamento complexo: linguagem e politização do pensamento. Esta pesquisa objetiva o uso inovador e sistêmico da linguagem em seu sentido figurado e ao mesmo tempo literal. A aceitação de tais desafios visam a simplificação do saber, provocando o pensamento reflexivo e crítico, condições inerentes do pensamento politizado. Assume esta pesquisa conscientemente todo o risco intelectual de ir além do pensamento ordeiro, pronto. Formação educacional e politização do pensamento, podem sim convergir num ideal de mundo e sociedade mais justa e fraterna. O debate sistemático no interior do campo educacional sobre a linguagem como mecanismo de transmissão do conhecimento e suas estratégias de abordagem visando a simplificação do conhecimento são também recorrentes ao longo deste trabalho. Bem como a construção de um pensamento não mutilador, que não isole nem separe o conhecimento. A forma como se diz faz toda a diferença na construção do saber pertinente, que une ao invés de isolar.

Palavras Chave: Educação, Pensamento complexo, Linguagem e Debate.

ABSTRACT: The present work in its daring and reflective theme proposes in times of civilization crisis a dialogic and challenging opening, education and complex thinking: language and politicization of thought. This research aims at the innovative and systemic use of language in its figurative and at the same time literal sense. The acceptance of such challenges aim at the simplification of knowledge, provoking reflective and critical thinking, inherent conditions of politicized thinking. This research consciously assumes all intellectual risk of going beyond orderly, ready thinking. Educational formation and politicization of thought, can rather converge in an ideal of a more just and fraternal world and society. The systematic debate within the educational field about language as a mechanism of transmission of knowledge and its strategies of approach aiming at the simplification of knowledge are also recurrent throughout this work. As well as the construction of a non-mutilating thought, which neither isolates nor separates knowledge. The way it is said makes all the difference in the construction of pertinent knowledge, which unites rather than isolates. **Keywords:** education. Complex thinking. Language. Strategies. Religious education.

Keywords: Education, Complex thinking, Language and Debate.

¹ Graduado em Ciências da Religião e Mestrando em Ciências da Educação.

² Graduada em Pedagogia; Especialização em Alfabetização e Letramento; Especialização em Libras.

³ Graduada em Pedagogia; Especialista em Gestão Escola e Mestrando em Ciências da Educação.

⁴ Graduada em Pedagogia.

1. INTRODUÇÃO

Compreender a complexidade da linguagem e suas contribuições na formação ética e intelectual do indivíduo e da sociedade por meio da educação é um desafio que demanda intenso diálogo entre os diferentes campos de produção do conhecimento.

A criação, e dispersão simbólica da noção de “verdade” oriunda dos diferentes grupos sociais, sejam eles religiosos, políticos, jurídicos, ou qualquer outro segmento se apresentam sob a perspectiva de efeitos opostos: separação e união.

Ao se produzir historicamente fragmentos ideológicos no interior da sociedade, criam-se subgrupos sociais isolados, cada qual com sua bandeira de luta e de “verdades”, esses subgrupos não só dividem pessoas, como também unem os que buscam por ideais em comum. Sejam ideais religiosos de salvação e pureza, seja políticos visando o bem estar social, ou seja, até mesmo jurídicos, na procura por uma sociedade mais justa, ou legalista.

Os grupos religiosos monoteístas em seus diversos segmentos são exemplos dessa fragmentação da “verdade”, e seu uso. Cada segmento professa e expressa pela linguagem livremente sua fé de acordo com a corrente de pensamento que segue, e que acredita ser a ideal, embora, não podemos deixar de reconhecer o surgimento inevitável das divergências de pensamento sobre o mesmo fato religioso, estas divergências se aprofundam a ponto de criar novos rompimentos com aqueles que pensam e agem diferentes em suas práticas litúrgicas.

Os movimentos políticos, cada um com seus projetos de um “mundo ideal”, são outro exemplo de divisões sociais. Onde florescem radicalidades e extremismos ideológicos, há sempre grandes possibilidades de rupturas ideológicas e de poder.

Para melhor compreender, por exemplo, a relação entre professor, aluno e o mundo simbólico que o cercam, o uso da linguagem figurada como mecanismo de simplificação do saber é essencial nesse processo.

A escolha da linguagem figurada como recurso de facilitação da comunicação no processo educacional se dá em razão também de uma busca dialógica no aprimoramento da aprendizagem escolar. Ter a certeza da incompletude do saber e do conhecimento, e repensar as práticas de ensino pelo uso da linguagem poderá ser uma alternativa pedagogicamente viável quando se pensa em apontar caminhos e soluções didaticamente pragmáticas.

A prática pedagógica apontada por Paulo Freire: ação, reflexão e ação ainda tem muito a ser desnudado. Há inquestionavelmente infinitos caminhos a serem trilhados na busca por novos saberes. É preciso pensamento crítico, ousadia e coragem intelectual na superação de paradigmas ainda fortemente enraizados em nosso inconsciente, na cultura, nas instituições de ensino e na sociedade.

Ousadia e coragem intelectual é essencial na prática de um saber reflexivo e crítico, sem perder de vista todo o seu contexto histórico dos processos de formação cultural e social de um povo, os desafios impostos ao longo de décadas de intensas transformações numa velocidade nunca visto antes pela história da humanidade.

2. O PROFESSOR E O FAZER EDUCATIVO VIA PENSAMENTO COMPLEXO E HISTÓRICO

O uso da linguagem também poderá funcionar como uma estratégia na busca da formação integral do ser humano em meio aos grandes avanços tecnológicos dos últimos anos. Podem ser vistos como oportunidades únicas de pensar e repensar a condição humana em tempos de crise civilizatória.

O professor licenciado em qualquer área de ensino, responsável pela transmissão e construção do conhecimento, carrega em sua bagagem construída no ambiente acadêmico o compromisso social e ético de ser um referencial na busca pelo saber, do conhecimento pertinente e reflexivo. Onde este mesmo saber e conhecimento pertinente reflexivo oportunizem a abertura de novos olhares humanistas que possibilitem a construção de mundo mais justo e fraterno. A forma pela qual este profissional irá conduzir este processo da aprendizagem nos ambientes de ensino fará toda a diferença na vida escolar e social de todos os envolvidos neste processo educativo.

O papel do professor nos dias atuais está marcado pela sua incessante busca para elevar o debate das grandes questões no campo da educação, e conseqüentemente no processo civilizatório. É imprescindível recorrer ainda que ligeiramente ao debate grego sobre Paideia e o aretê. Estes debates atenienses objetivavam uma sintonia perfeita entre as virtudes humanas e as grandes demandas da sociedade da época.

A partir do século V a. C. Aflora no interior da sociedade ateniense, o debate sobre o aperfeiçoamento do indivíduo através da educação visando a prática do bem para a construção de uma sociedade justa, de acordo com os anseios sociais da época. Todo esse momento ateniense no campo da educação, na busca por uma sociedade mais justa, continua a influenciar a forma como pensamos a educação nos dias atuais.

Se por um lado, herdamos grandes legados humanistas desde os antigos gregos, por outro, as instituições e a sociedade ocidental como um todo, mesmo com seus grandes avanços científicos, ainda capengam na execução de práticas educativas que possibilitem maiores avanços na busca pela redução das desigualdades e promoção da igualdade para todos

pela via da razão. A razão “pura” ao que se parece tornou-se insuficiente na solução absoluta de tais demandas históricas.

A escola formal nem sempre consegue desempenhar plenamente bem o seu papel de produtora do conhecimento reflexivo e crítico. Prova disso é nosso contexto atual de grandes crises no campo da ética e dos valores universais, tais como respeito, solidariedade, fraternidade e compaixão.

As consequências das crises de valores se materializam na excessiva preocupação com a formação especializada voltada para o mercado de trabalho, em um terreno onde há pouca reflexão crítica sobre o mundo em que habitamos e os seus problemas locais e globais urgentes, sejam eles ambientais ou políticos. Menos ainda, há a preocupação com o outro. Esta fomentação excessiva de um mundo demasiadamente objetivo e racional, fragmenta e fragiliza em parte a produção do saber e do conhecimento. É preciso ir além do mero saber. Como afirma Morin:

“É preciso substituir um pensamento que isola e separa por um pensamento que distingue e une. É preciso substituir um pensamento disjuntivo e redutor por um pensamento do complexo, no sentido original do termo complexus: o que é tecido junto (Morin, 2010)”.

O professor, que, em seu exercício profissional, tende a cumprir o seu papel institucional de trabalhar no ambiente de ensino, os fenômenos científicos, mas também novas perspectivas de vida e de mundo que partem do campo sagrado (mágico), e perpassa por todos os outros campos de conhecimento humano. Esta interação entre o conhecimento teórico, e as experiências de vida, possibilitam a abertura de um olhar cada vez mais compreensivo e humano sobre a vida e as pessoas.

3. UM CASO EXEMPLAR DO USO DA LINGUAGEM EM SENTIDO LITERAL E FIGURADO

Embora as grandes questões humanas também se façam presentes em nossos dilemas e conflitos existenciais, a linguagem abordada no processo de aprendizagem fará toda a diferença na busca por uma maior abertura dialógica objetivando uma sólida construção do conhecimento.

Esta abertura desempenha o papel de facilitar a comunicação entre as pessoas. No discurso proferido pelo ministro Luís Roberto Barroso, no ano de 2014, na UERJ, no Rio de Janeiro, quando a temática era “5 lições sobre a vida e o direito”, uma lição se tornou um elo entre aquele discurso histórico e o presente texto.

“Uma vez, um sultão poderoso sonhou que havia perdido todos os dentes. Intrigado, mandou chamar um sábio que o ajudasse a interpretar o sonho. O sábio fez um ar sombrio e exclamou: ‘Uma desgraça, Majestade. Os dentes perdidos significam que Vossa Alteza irá assistir a morte de todos os seus parentes’. Extremamente contrariado, o Sultão mandou aplicar cem chibatadas no sábio agourento. Em seguida, mandou chamar outro sábio. Este, ao ouvir o sonho, falou com voz excitada: ‘Vejo uma grande felicidade, Majestade. Vossa Alteza irá viver mais do que todos os seus parentes’. Exultante com a revelação, o Sultão mandou pagar ao sábio cem moedas de ouro. Um cortesão que assistira a ambas as cenas vira-se para o segundo sábio e lhe diz: “Não consigo entender. Sua resposta foi exatamente igual à do primeiro sábio. O outro foi castigado e você foi premiado”. Ao que o segundo sábio respondeu: “a diferença não está no que eu falei, mas em como falei”.

A linguagem, tomando o texto acima como referência, nem sempre é um mecanismo facilitador e simplificador da comunicação. Há um alto preço a se pagar pela não clareza da linguagem.

Como observado, o referido texto aponta três personagens: o sultão, o sábio e o cortesão. Para melhor compreensão do enredo, há de se destacar o seguinte esboço comparativo: o sultão = aluno; o sábio = professor; o cortesã = ao sistema de ensino. Para cada personagem, como se vê, há outro personagem correspondente que o legitima, e, simbolicamente dá sentido e vida narrativa as ideias do texto em questão.

Contextualizando simbolicamente a relação entre sultão e aluno, pode-se dizer que tanto o sultão da história quanto o aluno que frequenta o ensino escolar do contexto atual, buscam um significado para seus sonhos. Novas perspectivas. Ambos (sultão e aluno) buscam em alguém uma tradução legítima para seus anseios, dúvidas e incertezas interiores.

Há um processo, natural ou não, de influência intelectual e emocional entre o aluno e o professor no processo de ensino aprendizagem, assim como há a mesma relação entre o sultão e o sábio. Na medida em que a busca pelo saber e o conhecimento vão se aprofundando, se faz necessário a abertura de novas leituras de mundo e suas perspectivas possíveis. É preciso

que se estabeleça entre a teoria e a prática uma auto reflexão seguida de uma auto crítica, mas também que essas auto avaliações se materializem de forma intervencionista, objetivando uma tradução dos anseios e desejos de toda uma comunidade escolar. Esta comunidade precisa estar inserida prioritariamente em todas as ações voltadas para a politização das ideias.

A juventude que tem “pressa” em viver intensamente o mundo globalizado e suas ferramentas tecnológicas em tempo real, é um exemplo de uma parte desse segmento da comunidade escolar. Há inquestionavelmente uma nova configuração de expressões e comportamentos que é muito peculiar a esta nova geração dos múltiplos aparelhamentos tecnológicos.

Como bem aponta Michel Cassers (2013) há uma geração de jovens que estão conectados com o mundo e sua dinâmica virtual através de um simples aparelho celular. É como se o cérebro saltasse de cima do pescoço e passasse a habitar o polegar. Evitar a todo custo a radicalidade extrema no campo do conhecimento, ouvir e dialogar com todos os anseios e desejos de uma geração antenada com o mundo moderno é uma grande oportunidade de criar laços afetivos profundos. Ser referência na vida não só de um educando, mas na vida de toda uma comunidade escolar é uma conquista civilizatória que merece ser propagada.

Se o educando, simbolicamente equivale ao sultão, o sábio não poderia ser outro, a não ser o professor. O melhor interprete dos sonhos, dos anseios sociais e da vida de qualquer educando, não será outro a não ser o professor. Este possui a capacidade de transitar entre a razão e a emoção sem perder a lucidez que somente um sábio possui.

O tempo será sempre um aliado na compreensão da “desordem necessária”, conforme aponta o pensador Descartes (2006). Assim como o primeiro sábio da história (o mesmo que sofreu as 100 chibatadas), o professor é nos tempos atuais, um profissional fragilmente exposto as diversas consequências intelectuais e emocionais oriundas da sua própria linguagem e de sua comunicação em sua prática educativa, sem perder de vista as variadas interpretações de sua clientela, e até mesmo do sistema institucional que regula o campo educativo. Assim como há sábios e sábios, também há professores e professores. O uso claro da linguagem no processo de aprendizado constitui um desafio sempre inovador e necessário na perspectiva pedagógica.

Como vimos, toda a relação (simbólica) entre o sultão e o sábio se dá em torno do cortesão. Assim como estes personagens possuem características afins, o cortesão também tem sua outra metade: o sistema burocrático. Este cumpre o seu papel ritual de servir de acordo com o momento histórico. O sistema burocrático, assim como o cortesão, poderia

indagar sobre a conduta de ambos (sábio e sultão), porém, este mesmo sistema burocrático possui prerrogativas legais que somente a luta de classes (sob o ponto de vista dialético marxista) é capaz de enfrentar. Considerando este ponto de vista, há uma disputa de poder na busca pela aquisição do saber. Em maior, ou menor grau. O professor como o sábio terá sempre a missão de conduzir seus aprendizes em direção a politização do pensamento, buscando rotas que assegurem uma chegada rica, criativa e crítica no mundo do saber.

Se pensarmos como Morin (2000), veremos que é sempre possível religar conhecimento científico e razão apaixonada (prosa e poesia). A dinâmica entre a prosa e a poesia é um grande triunfo de nossa alma nômade pós moderna. Não reduzir a busca do saber a meros interesses inóspitos, ver a dimensão humana em seu horizonte complexo é uma forma de alcançar a tão almejada maturidade intelectual e espiritual. Há sempre um desafio e uma missão a ser realizada no fazer pedagógico.

Ainda retomando o pensamento de Luís Roberto Barroso, veremos a dinâmica no exercício da razão:

“Pois assim é. Na vida, não basta ter razão: é preciso saber levar. É possível embrulhar os nossos pontos de vista em papel áspero e com espinhos, revelando indiferença aos sentimentos alheios. Mas, sem qualquer sacrifício do seu conteúdo, é possível, também, embalá-los em papel suave, que revele consideração pelo outro”.

O processo de racionalização do pensamento ocidental decorrente da ciência moderna originária do francês Rene Descartes padronizou o modo como pensamos e realizamos o conhecimento objetivo. A relação sujeito e objeto despertou a ideia de “maturidade” da razão humana. O “penso logo existo” abriu luz as grandes questões humanas no interior do campo científico.

A busca pela neutralidade do sujeito, também defendida pela sociologia de Emile Durkheim, continua a influenciar radicalmente o modo de pensar e construir as sociedades ocidentais. A ideia de “religião como infância da humanidade, a filosofia como sendo a fase da juventude, e a ciência como sendo a maturidade e o símbolo da razão humana”, conduziu os pesquisadores do campo científico a dotar um discurso por vezes radical as outras áreas de conhecimento que não estivessem dentro dos padrões e rigor científico.

O reflexo destas grandes mudanças do pensamento humano, também norteou as práticas educativas nos últimos anos com o surgimento de diferentes tendências pedagógicas. Ainda que de certa forma inconsciente, reproduzimos involuntariamente estereótipos que rotulam, e em nada contribuem com o avanço civilizatório.

4. CONCLUSÃO

O avanço do pensamento mecanicista e o pragmatismo social voltado quase que exclusivamente para a economia de mercado, engessou os grandes debates filosóficos sobre realidades sociais tão duras que impactam muitas vezes e negativamente a construção de um mundo menos injusto e mais igualitário.

As relações sociais continuam a sofrer sérias consequências de pensamentos ideológicos extremistas, sejam estes de movimentos políticos de esquerda, ou de grupos historicamente reacionários ou conservadores. Estes pensamentos e falas são também reproduzidos ainda que inconscientemente nos ambientes de ensino (seja por meio do educando, comunidade escolar ou professor), a ascensão de grupos de minorias sociais, tem provocado grandes questionamentos sobre a forma como as ideias e os valores humanos emergem.

No campo da educação, é possível promover em todos os espaços educativos momentos de criticidade e diálogo reflexivos. O ouvir e o falar como oportunidade de aproximação entre ideias contrárias. A própria construção da politização do pensamento. O diálogo com o contraditório é uma possibilidade real de repensar e refletir visões extremas de mundo, de sociedade, e do ser humano em si, em sua versão individual.

REFERÊNCIAS

Descartes, René. Discurso do método: Regras para a direção do espírito. Tradução: Pietro Nassetti. Editora: Martin Claret, São Paulo, 2006.

Filoramo, Giovanni. As ciências das religiões / Giovanni Filoramo Carlo Prandi; tradução: José Maria de Almeida. – São Paulo; Paulus, 1999. – (Sociologia e religião).

Foucault, Michel. A ordem do discurso. Aula inaugural do Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Edições Loyola, 20ª edição, São Paulo, 2010.

Lima, Maurício. Revista Veja: Radar Viral na internet, 2017. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/blog/radar/viral-na-internet/>>. Acesso em 31 de agosto de 2018.

Lopes Junior, Orivaldo Pimentel. O espelho de Procrusto: ciência, religião e complexidade / Orivaldo Pimentel Lopes Junior. – Natal, RN: EDUFRN, 2013.

Morin, Edgar. A cabeça bem feita. Repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

Morin, Edgar. Meu caminho – entrevistas com Djénane Kareh Tager. Tradução Edgar de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

Serres, Michel, 1930 – Polegarzinha / Michel Serres; tradução Jorge Bastos – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.